

**Donald Pierson
e a Sociologia no Brasil ***

Lúcia Lippi de Oliveira

A indagação sobre o que é a Sociologia volta e meia retorna ao debate acadêmico. Sabe-se que a Sociologia é uma disciplina que tem como objeto o estudo das "relações sociais", da "sociedade". Mas o que se entende por sociedade não é muito claro e tem se alterado ao longo do tempo. Para alguns autores e correntes, a sociedade é uma reunião de indivíduos, e as análises baseadas na Psicologia e no comportamento individual forneceriam o fundamento para a construção de teorias e pesquisas sociológicas. Para outros, a relação entre os indivíduos em sociedade tem características próprias e só pode ser apreendida tomando-se as representações ou mentalidades coletivas, o todo social, cujo estatuto difere da idéia de sociedade como somatório de indivíduos. Sem explorar as variantes modernas e as combinações entre estas perspectivas, podemos dizer que Spencer, de um lado, e Comte ou Durkheim, de outro, podem ser considerados como paradigmas destas duas vertentes de conceituação de sociedade.

A existência de uma reflexão científica sobre a sociedade supõe ser possível tanto a elaboração de teorias que coloquem em evidência a relação entre fatos singulares, como a confirmação dessas teorias através

da observação sistemática. Assim, a consciência da relativa autonomia do objeto de estudo é considerada uma pré-condição para a existência da Sociologia como uma reflexão científica (Elias, 1981:64). Deixando de lado as pré-condições para a emergência de um saber "científico" sobre a sociedade —, por conseguinte distinto de um saber pré-científico —, e conhecendo os limites mal-definidos neste domínio em relação a outros, sabemos contudo que a Sociologia constitui um campo intelectual possuidor de temas, vocabulário, escolas e profissionais próprios. Assumimos, além disso, o pressuposto de que a Sociologia de um país ou de um tempo é aquilo que os que se autodefinem e são reconhecidos como sociólogos produzem.

A Sociologia no Brasil tem aceito como um marco de sua história a institucionalização das ciências sociais definida pela criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em 1933, e pela fundação da Universidade de São Paulo, em 1934. Ao tomar estas iniciativas como ponto de origem da trajetória da moderna sociologia brasileira, os analistas passam a dedicar atenção e espaço à formação da USP, aos mestres franceses que ajudaram a implantá-la, e ao trabalho do professor

* Este artigo faz parte de uma pesquisa sobre a Sociologia no Brasil desenvolvida no Cpdoc/FGV. Foi apresentado no grupo de trabalho Pensamento Social no Brasil, X Encontro Anual da Anpocs, Campos do Jordão, outubro, 1986.

Florestan Fernandes em sua tarefa de desenvolver e ensinar a Sociologia no Brasil. Não pretendemos negar ou discutir esta história. Queremos, sim, colocar alguns pontos que vão esclarecer a emergência e a difusão dos novos padrões de uma sociologia, chamada a partir de então de "científica", que foram na verdade introduzidos em um campo em que já existia uma tradição, por assim dizer, endógena.

O pensamento sobre a sociedade precedeu no Brasil, como em qualquer lugar, a configuração de uma disciplina chamada Sociologia. Muito antes dos anos 30, os bacharéis, os literatos, os médicos e os engenheiros, influenciados pelas idéias dominantes em sua época, sobretudo européias, já vinham refletindo sobre o meio social em que viviam. Sílvia Romero, Manuel Bonfim, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, para lembrar alguns nomes, construíram não uma disciplina, mas um campo intelectual e uma tradição. A cultura sociológica do País era, entretanto, considerada inadequada para os novos tempos. Seu compromisso maior ou menor com um *ethos* elitista, aristocrático ou conservador era questionado, e foi em oposição a esta cultura que se importaram novos padrões sociológicos, guiados por uma aura de "neutralidade valorativa" e de "objetividade".

Retomemos o testemunho de Florestan Fernandes sobre o tema. Segundo este autor, dois grandes objetivos guiaram a configuração da Sociologia como disciplina e seu ensino a partir de 1933: educar as novas gerações para as tarefas de liderança, econômica, administrativa e política; e criar recursos para a solução racional e pacífica dos problemas sociais brasileiros" (Fernandes, 1956:198). Estas necessidades não puderam ser plenamente satisfeitas com a mão-de-obra intelectual existente no País. Daí a contratação de especialistas estrangeiros, fazendo com que "a distância intelectual que se havia estabelecido entre o ensino superior brasileiro e o ensino superior europeu ou norte-americano" se atenuasse de modo rápido e construtivo. E, continua Florestan, sob a influência dos especialistas estrangeiros foi introduzida a investigação de campo, levando a Sociologia a se encaminhar na direção dos padrões e ideais do trabalho científico. Emílio Willems, Donald Pierson, Roger Bastide, Jacques Lambert, Claude Lévi-Strauss, Paul Arboise-Bastide, Samuel Lowrie, Horace

Davis e T. Lynn Smith, entre outros, fazem parte desta galeria de especialistas estrangeiros que ajudaram a Sociologia a alcançar o estatuto de uma disciplina científica. Para tanto foi necessária a "transformação da análise histórico-sociológica em investigação positiva e a introdução da pesquisa de campo como recurso sistemático de trabalho".

É possível perceber que desta maneira foi implantada uma nova tradição sociológica, que passou a considerar atrasado o pensamento social até então produzido. A nova sociologia veio escorada na valorização do conhecimento positivo obtido através do trabalho de campo controlado, considerado daí por diante como o novo padrão de cientificidade.

Como a questão da cientificidade da Sociologia foi e é problemática, vamos considerar este saber como uma atividade intelectual e lembrar que enquanto tal ele opera dentro de um quadro de referência definido pela tradição. A tradição sociológica não apresenta uma coerência rigorosa nem dispõe de um rígido poder de autoridade; ela apresenta, sim, uma variedade de alternativas que são selecionadas e aceitas em função de evidências apreendidas individualmente e transmitidas pelas instituições. Como nos diz Shils, "as instituições não criam Sociologia, esta é resultado do exercício individual dos sociólogos exercendo seu poder de observação e análise de situações sociais apreendidas segundo um enfoque da tradição sociológica". Se as instituições não produzem Sociologia, elas dirigem, entretanto, a atenção dos sociólogos para certos tipos de situações sociais e reforçam certo veio seletivo de percepção e interpretação da experiência. Ainda segundo Shils, "as instituições criam um meio de ressonância e eco intelectual às idéias sociológicas conferindo a elas um peso maior na competição entre interpretações da realidade social" (Shils, 1970: 762).

O presente texto procura destacar um dos caminhos pelos quais os novos padrões de "investigação positiva" e de "pesquisa de campo" foram introduzidos na tradição brasileira, ganhando a "competição entre interpretações da realidade social". As novas idéias sociológicas procuraram romper com a tradição passada. Escolhemos tratar aqui de Donald Pierson, e para começar vamos ver como ele foi apresentado às novas gerações:

Segundo o *Dicionário de Sociologia*, Donald Pierson é um "Sociólogo norte-americano, nascido em 1900. Como pesquisador da Universidade de Chicago, realizou um trabalho de campo sobre a população de cor na Bahia (1935-1937). Foi professor na Universidade de Fisk. Professor de Sociologia e Antropologia Social (1940-1952) na Escola de Sociologia e Política. Faz parte também, desde 1946, do Instituto de Antropologia da Smithsonian Institution." (1963: 262).

Antônio Cândido, em seu artigo sobre a "Sociologia no Brasil", destaca dois de seus livros: *Negros in Brazil* (1942; tradução em 1945 sob o título *Branços e pretos na Bahia*) e *Cruz das almas* (1953). "Suas orientações teóricas são as da escola de Chicago com preocupação comparativa entre Brasil e Estados Unidos. Para ele (e de seus estudos locais generaliza para o Brasil) não há entre nós preconceito racial propriamente dito, (...) Embora haja discriminação de cor, ela é condicionada em grande parte pela posição social segundo um esquema de classes, onde a mobilidade é possível e constante; não do tipo casta, em que tende a perpetuar segundo a origem étnica." (Cândido, s/d., 2.116).

Guerreiro Ramos, ao mencionar sua passagem pela Faculdade de Filosofia da então Universidade do Brasil, observa: "Uma coisa interessante é que um homem insignificante teve uma importância muito grande na minha formação cultural. Chama-se Donald Pierson (...) ele apareceu aqui, contratado por uma organização dessas e deu umas aulas sobre sociologia americana, com a qual eu não tinha contato (...) aquela coisa do Donald Pierson me deu um impacto. Eu não tinha exposição à sociologia americana, por volta de 40. Eu tive um *affair*, com a sociologia americana e resolvi estudá-la profundamente." Guerreiro diz que seus estudos sobre puericultura, mortalidade infantil e medicina popular aplicando a técnica do *survey* foram inspirados na sociologia americana conhecida a partir da apresentação de Pierson. (Ramos, 1981: Cpdoc).

Donald Pierson publicou em 1949 uma bibliografia comentada sobre a Sociologia no Brasil compondo o capítulo "Sociologia" do *Manual Bibliográfico de Estudos Brasi-*

leiros, sob a direção de Rubens Borba de Moraes e William Berrien. Segundo Pierson, duas conclusões contraditórias e inexatas marcam os trabalhos que fazem um inventário das obras sociológicas escritas no Brasil: a primeira é de que essas obras existem em profusão, e a segunda, de que elas são virtualmente inexistentes. Circunstâncias especiais explicaram tal desencontro. Uma delas seria o fato de o "material sociológico" estar disperso em diferentes obras sob títulos que ocultam seu conteúdo: obras de História, Geografia, Economia, Ciência Política e Etnologia, o que demonstra a falta de especialização no campo das Ciências Sociais, ou seja, que a Sociologia no Brasil acha-se em sua infância. Somando-se a isso, a falta de bibliotecas e de compreensão dos responsáveis por arquivos públicos dificulta o trabalho dos pesquisadores.

As conclusões de que existe ou não existe um material sociológico na bibliografia brasileira, segundo o autor, derivam de diferentes perspectivas sobre o significado da Sociologia. Pierson nos informa seu ponto de vista sobre o tema e seus critérios de análise:

"A sociologia, como é entendida aqui, é, pois, uma disciplina de pesquisa, não-especulativa e não-normativa, de caráter sistemático, interessada primordialmente no desenvolvimento de suas formulações teóricas por meio de investigações concretas e comparativas, orientadas, por sua vez, por teorias anteriores. Evolui através dos antigos estágios, 1) da filosofia social, 2) da polêmica de 'escolas' sociológicas, para o estágio atual da investigação sistemática de processos sociológicos". (1949:790).

Pierson procura marcar a especificidade da Sociologia através de sua diferenciação de outras disciplinas, como História, Geografia, Antropologia Física, Etnologia, Linguística, Direito e Educação, distinguindo-a também da Filosofia Social, da Ética e da Política Social. Qual é então o campo desta disciplina entendida como "investigação sistemática de processos sociológicos", quais são os "processos sociológicos" objetos desta disciplina?

Um destes processos é denominado "campo da ecologia humana", e seu elenco compreende a origem e as características físicas da população brasileira, os processos de povoamento, de amalgamação e de for-

mação de novas raças; a competição biótica; o imperialismo ecológico; a imigração européia e asiática; a importação de africanos; a utilização de terras, e a origem e os tipos de cidades (Pierson, 1949:791). O material referente a este elenco pode estar presente em vários recenseamentos (federais, estaduais), relatórios oficiais e estimativas de população, assim como em trabalhos de geógrafos, historiadores e estudiosos do tema.

O outro grande campo dos processos sociológicos é chamado de "organização social", e seu elenco reúne estudos sobre "instituições" (especialmente as da escravidão, família e religião), relações de raça, miscigenação, *status* e papel do mestiço, "tipos sociais", conflito, *folkways*, *mores*, atitudes, movimentos sociais, acomodação, assimilação, aculturação (...) isolamento, comunicação, solidariedade, controle social, divisão de trabalho, relações entre classes, seleção social, casamento inter-racial, *status* e papel da mulher e da criança, mobilidade" (p. 793).

O material sociológico, ou seja, os dados referentes à organização social, são encontrados em estudiosos brasileiros. Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Nina Rodrigues, Monteiro Lobato, Oliveira Viana, Gilberto Freyre são alguns dos autores citados por Pierson em cujas obras se encontram investigações pioneiras dos processos sociais fundamentais do Brasil. Os historiadores sociais, os folcloristas, os viajantes e os romancistas são citados também como pioneiros da Sociologia.

Se é esta a perspectiva de Pierson, o que diferiria os pioneiros da Sociologia dos sociólogos propriamente ditos?

"A sociologia ainda é em grande parte definida no Brasil (...) conforme conceberam-na Comte e Spencer, antes de sugerirem disciplinas especiais como a psicologia, a economia e a ciência política e antes de ser desenvolvido por parte da sociologia propriamente dita um caráter específico e limitado através dos trabalhos de Simmel, Durkheim e Sumner (...) Apenas pouco antes de encerrar-se o período ora sob *survey* é que começou a ser conhecida no Brasil a mais ou menos recente verificação e reformulação da teoria sociológica nos Estados Unidos" (p. 794).

Supondo que uma tradição sociológica forme uma perspectiva para se analisar,

perceber e interpretar os processos sociais, queremos destacar o papel de Donald Pierson como um dos transmissores de uma linha sociológica norte-americana no Brasil. Uma fonte privilegiada para esta análise está presente nas aulas, artigos e livros didáticos utilizados por Pierson em cursos que formaram os novos especialistas da sociologia.¹

Donald Pierson organizou dois volumes reunindo o que de mais importante ensinava: *Estudos de Ecologia Humana* (1945) e *Estudos de Organização Social* (1946). O sumário destes dois livros nos esclarece sobre o elenco de tópicos, os conceitos centrais e os processos sociais merecedores da atenção dos sociólogos. Pierson, enquanto professor da Escola Livre de Sociologia e Política, organizou uma série de "Leituras de Sociologia e Antropologia Social" composta de 220 textos mimeografados usados para a orientação teórica e prática dos novos pesquisadores. Foi a partir destes textos que ele organizou os dois volumes acima mencionados. Na Introdução de *Estudos de Ecologia Humana*, Pierson se defende da crítica de que os livros compostos com textos de diferentes autores os estariam apresentando de forma inadequada. Esta crítica corresponderia à percepção de que se deve dar maior importância aos autores do que à matéria. Esta é uma perspectiva atrasada, pré-científica, do tempo em que os "grandes nomes" dominavam as disciplinas sociais. Hoje em dia não são mais os grandes autores, e sim os problemas, os conceitos e a metodologia que concentram o principal interesse.

Esta nova perspectiva, que considera anacrônica a apresentação de diferentes correntes sociológicas, foi igualmente implementada na revista *Sociologia*, órgão de difusão do pensamento das figuras mais importantes da Escola Livre de Sociologia e Política. O perfil da revista e os textos de Donald Pierson confirmam a idéia de que a cientificidade da Sociologia estaria garantida se a investigação tomasse por base a pesquisa empírica.

A ecologia humana, campo relativamente novo, consiste no estudo das relações entre os homens considerando que estas relações são, por sua vez, influenciadas pelo *habitat*. Este campo não estuda as relações entre o meio físico e o homem, objeto da antropogeografia, nem a ação do homem sobre o meio, objeto da geografia humana. Antropogeografia e geografia humana têm como interesse principal a localização espa-

cial. A ecologia humana estaria interessada "no processo de competição e as relações dele provenientes (...) como estas se revelam por índices físicos, principalmente os de espaço" (1945:12-13).

"O fato básico em todas as ciências é a existência, tanto entre os seres humanos como entre as plantas e animais, de uma competição constante por um lugar no solo. Dessa competição se desenvolve, pouco a pouco, certa ordenada configuração vegetal, animal ou humana, configuração esta que não pode ser compreendida através do estudo de uma só planta, animal ou ser humano, ou mesmo de todos, se forem vistos apenas como meros indivíduos. A principal diferença é que, no caso dos seres humanos, esta competição constante, profunda, crua e brutal, não se vê com a mesma facilidade, devido aos efeitos de fenômenos não possuídos pelas plantas e animais, isto é, o costume e a lei" (p. 11).

"No decorrer desta distribuição espacial e especializada de funções, configurações ordenadas das plantas, dos animais ou dos seres humanos e suas instituições, conforme o caso, se desenvolvem; ou, por outras palavras, *comunidades* surgem" (p. 14).

As comunidades são o

"resultado de relações *simbióticas*, enquanto as sociedades são produtos de relações *morais* (isto é, dos *mores*). Assim, as comunidades surgem do simples fato da simbiose, isto é, de *viverem juntos*, no mesmo *habitat*, indivíduos tanto semelhantes quanto diferentes, da 'competição cooperativa' em que eles se empenham; ao passo que as sociedades surgem da comunicação da proveniente coparticipação de experiências, atividades, atitudes, sentimentos, ideais e pontos de vista comuns (consenso)" (p. 14).

"A ecologia humana interessa-se pela formação de *comunidades*, isto é, pela atuação do processo de *competição* e pelas relações *simbióticas* que esta desenvolve e modifica; enquanto que a Sociologia se interessa principalmente pela formação de *Sociedades*, isto é, pelo processo de *comunicação* e pelas relações *morais* que esta desenvolve e modifica" (p. 15).

A ecologia não faz parte da Sociologia mas é campo preliminar ou introdutório a esta disciplina.

Os sumários dos dois livros (anexos 1 e 2) organizados por Donald Pierson podem confirmar a divulgação da teoria sociológica norte-americana no Brasil. Foi a chamada "escola de Chicago" aquela que Pierson ensinou, e que hoje, podemos considerar, faz parte da tradição sociológica brasileira, ou seja, pertence à história desta disciplina no Brasil.

As fontes principais dos artigos traduzidos e divulgados por Donald Pierson são o *American Journal of Sociology*; a *American Sociological Review*; o livro editado por Robert Park, *An Outline of the Principles of Sociology* (1939); o livro editado por E. Burgess, *The Urban Community* (1925); o livro editado por Park e Burgess, *The City* (1925), além da *Enciclopedia of the Social Sciences*. Esta constatação nos remete diretamente ao perfil da "escola de Chicago", difundida no Brasil por Donald Pierson.

A principal figura da escola de Chicago foi Robert Ezra Park (1864-1944). Suas idéias podem ser conhecidas introdutoriamente pela leitura do artigo "Ecologia Humana" traduzido do *American Journal of Sociology* (vol XLII, n. 1, julho, 1936), presente na coletânea de Pierson. Neste texto Park afirma a "luta pela existência" como o princípio regulador do número de organismos vivos controlando sua distribuição e mantendo o equilíbrio da natureza. A vida social é vista como regulada pela competição, princípio que restabelece o seu equilíbrio toda vez que ele é perturbado. Se a competição e o equilíbrio são princípios gerais, seu funcionamento se diferencia quando tratamos da comunidade ou da sociedade.

A comunidade, entendida como uma população territorialmente organizada, com maior ou menor enraizamento no solo, caracteriza-se por uma interdependência *simbiótica* entre suas unidades individuais. Quando a competição *biótica* declina e a luta pela existência assume formas mais elevadas e sublimadas temos a sociedade, forma mais complexa onde a competição cede lugar à comunicação e ao consenso. Estes mesmos princípios, como já vimos, compõem a reflexão e o pensamento de Pierson.

Park valoriza as formas de controle social como os mecanismos ordenadores de antagonismos, de conflitos e da própria

competição — formas básicas de interação da vida social. O controle social é visto como a instância que organiza os antagonismos produzindo acomodações de caráter mais ou menos transitórios.

Competição, conflito, acomodação e assimilação constituem as categorias básicas para a análise da interação social. A competição, outra forma de dizer, a “luta pela existência”, é fenômeno universal e contínuo pertencente à vida natural, ou seja, à vida da comunidade. O conflito, ou seja, a competição organizada, pertence ao universo da sociedade (Coser, 1972). A acomodação é vista como uma forma de regular os conflitos, ainda que eles possam reaparecer a cada novo momento; por sua vez, quando todos os indivíduos partilham de uma herança comum um processo de assimilação já ocorreu na vida social.

Estes conceitos e o interesse de Park por processos de distância social (do qual o preconceito é um tipo) e de mudança social são formulações que respondem às necessidades de seus interesses de estudo e à vida da cidade de Chicago.

Park foi, antes de se tornar um acadêmico, um jornalista interessado nos temas da cidade, da situação social do negro, da vida do imigrante, da corrupção e do crime. Valorizou a cidade como o laboratório para o estudo do novo homem urbano criado pela sociedade industrial.

Seu comprometimento com os temas da vida urbana se conjuga com a crença de que o conhecimento dos fatos possibilita aumentar a qualidade de vida e favorecer o processo democrático na América (Coser, 1972). Seu compromisso com princípios darwinistas pode ser tomado como um caso da ampla influência desta perspectiva no pensamento americano. A “luta pela existência” e a “sobrevivência dos mais aptos” supõem e sugerem que a natureza garante a vitória dos melhores na competição da vida. Esta perspectiva entende a competição como um processo contínuo inscrito na lei natural. Embutida nela está a idéia de que o processo evolutivo significa progresso e este é um bem. Spencer é uma grande figura desta corrente e “teve influência vital sobre a maioria dos fundadores da sociologia americana, especialmente Ward, Cooley, Giddings, Small e Sumner” (Hofstadter, 1963: 33).

Park leva para a Universidade temas que não estavam ainda incorporados pela vida acadêmica. Seus estudos sobre o ajustamento do imigrante, a desorganização fa-

miliar, o conflito étnico e a segregação se desdobram naturalmente de seus interesses pessoais e profissionais.

Park traz para o pensamento norte-americano temas e questões presentes na Sociologia alemã. Seu contato com Simmel e com Windelband, sob cuja orientação fez sua tese de doutorado, o faz repensar a distinção entre comunidade e sociedade, presente na tradição do pensamento alemão e reafirmada pelo trabalho de Tönnies. Park, entretanto, não assume qualquer nostalgia comunitária tão freqüente nos pensamentos à direita ou à esquerda que se desdobram desta temática. Simmel tem vários ensaios traduzidos no *American Journal of Sociology*, e sua presença se faz notar também no trabalho de Louis Wirth, “Urbanism as a Way of Life”. Tönnies tem igualmente ressonância nos escritos e ensinamentos de Park.

“Na realidade, todas as discussões sobre a oposição entre competição e acomodação, conflito e associação, cooperação e hostilidade, fusão e tensão, integração e dissolução, solidariedade e rivalidade, comunhão e revolta e todas as outras formas de concordância e discordância social nos leva, direta ou indiretamente, à obra de Tönnies” (Freund, 1980: 210).

Park reúne, assim, princípios sociológicos derivados da tradição alemã, interesses por problemas sociais que emergem do crescimento das cidades nos Estados Unidos e experiência em enquetes, *surveys* e entrevistas realizados por agências religiosas, governamentais e jornais.

É importante notar, como nos diz Shils, que a Sociologia se tornou institucionalizada primeiro nos Estados Unidos do que em qualquer outro país; e se institucionalizou primeiro na Universidade de Chicago do que em qualquer outro lugar (1970:770).

É por que Chicago? A cidade de Chicago — mas não só ela — teve um formidável crescimento populacional entre 1880 e 1890. Este aumento de população produziu uma crise nos serviços básicos da vida urbana, incluindo o sistema de transporte, policiamento, serviços de luz e gás. O dia-a-dia da cidade colocava em destaque as reflexões sobre os efeitos da industrialização e da urbanização.² Estas preocupações se integraram à reflexão sociológica, sendo a Sociologia entendida como um instrumento de reforma social. A Sociologia assumiu

a análise de estratos menos favorecidos que cresciam em tamanho e visibilidade a partir do processo de industrialização e urbanização. O estudo do negro, por exemplo, desenvolvido pelos sociólogos de Chicago, congregava duas origens. De um lado era fruto dos problemas de urbanização e migração vivenciado pelas cidades americanas e, de outro, tinha relações com os temas — competição, conflito, acomodação e assimilação — pertencentes à tradição sociológica que Park assimilou e desenvolveu.

A Universidade de Chicago, criada em 1892, teve o seu apogeu nos anos 20 e 30. Albion Small, fundador do Departamento de Sociologia, e W. I. Thomas (ambos de formação alemã) reuniram o interesse pelo campo teórico e pela observação empírica. Thomas trouxe Park para Chicago, e com ele organizou o ensino universitário, supervisionou as pesquisas dos alunos de pós-graduação, realizou pesquisas próprias e empregou assistentes e colaboradores com bolsas provenientes da própria Universidade, de agências governamentais e privadas. Nos anos 20, o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago tinha cursos de pós-graduação, seminários e supervisão de pesquisas, publicava as *Chicago Sociological Series* (ver anexo 3) e abrigava a American Sociological Society, da qual Park foi presidente em 1925.

Esta Universidade recebeu uma geração de novos professores (o Departamento de Filosofia congregava figuras como George Herbert Mead e John Dewey), desfrutou de suporte financeiro autônomo e apresentou grande mobilidade e eficiência em sua estrutura organizacional. Chicago representou uma cultura do *Midwest* que se contrapôs à hegemonia das velhas universidades do Leste, menos receptivas à cultura alemã e aos temas da vida social contemporânea (Friedrichs, 1977: 84). A crença em que o estudo dos fatos contemporâneos não degradava o conhecimento e que este podia ser obtido por meio de enquetes e entrevistas fez parte da cultura sociológica de Chicago. Conhecimento e reformas sociais caminharam juntos, interligando academia e sociedade.

A influência de Park como professor e orientador de pesquisas pode ser inferida pela lista de alguns de seus discípulos: Everett Hughes, Herbert Blumer, Stuart Queen, Leonard Cottrell, Edward Reuter, Robert Faris, Louis Wirth e Franklin Fra-

zier, todos presidentes da American Sociological Society (Coser, 1972:372).

Estas informações, ainda que esparsas, ajudam-nos a acompanhar a tese de Shils: Chicago se manteve como o centro de estudos sociológicos nesta época não só pelo poder e qualidade dos membros de seu *staff* mas também porque lá a Sociologia era a mais institucionalizada, produzia um grande número de trabalhos com a mesma marca, com o mesmo selo, e — complementa este autor — a quantidade, tanto quanto a qualidade, produz atenção e respeito (pp. 792-3).

O período áureo de Chicago ocorreu quando Donald Pierson se formou sob a orientação de Park, e foi a perspectiva da Sociologia de Chicago que ele ensinou, em integração com os ideais da elite paulista, que fundou a Escola Livre de Sociologia. Não foi por acaso que Pierson, por ocasião do falecimento de Park em 1944, escreveu para *Sociologia* uma nota intitulada "Robert Park: Sociólogo-Pesquisador", relatando sua experiência de contato pessoal com Park e a contribuição deste autor na preparação "de *researchmen* sistemáticos e de carreira, 'moldando', por assim dizer, este novo tipo de criatura" (p. 283). Pierson destaca os estudos de Park que abriram novas perspectivas de pesquisa nos campos das relações de raça, do comportamento coletivo, da ecologia humana, das comunidades e sociedades urbanas, da personalidade e do jornal. Além disto, valoriza sua contribuição no campo da metodologia pelo emprego dos métodos de "estudo de caso" e de observação participante, da técnica de "história da vida" e de "mapas para localizar fenômenos ecológicos" (p. 283).

Pierson, na mesma perspectiva de Park, considera a realidade como um dado a ser apreendido, e a grande questão passa a ser o treinamento profissional dos novos sociólogos. Segundo Limongi, "a confiança no desenvolvimento da sociologia e a valorização do trabalho de campo como momento privilegiado da formação profissional (...) encontram aceitação nos meios acadêmicos em constituição" (Limongi, 1986: 13).

Considerações finais

Podemos sintetizar os traços da velha Sociologia, a dos pioneiros, em oposição aos da Sociologia moderna, criada pela Escola Livre de Sociologia, da seguinte maneira:

Antes

- Falta de bibliotecas e arquivos
- Material sociológico espalhado
- Análises histórico-sociológicas
- Falta de especialização dos produtores
- Sociólogo intelectual

Muito ainda deve ser pesquisado para que possamos montar os “capítulos” de uma história da Sociologia no Brasil. Queremos apenas levantar alguns pontos que poderão ajudar no desdobramento deste e de outros trabalhos sobre o tema.

Em primeiro lugar, podemos indagar se os pressupostos da Sociologia desenvolvida em Chicago que foram transplantados para o Brasil, primeiro para São Paulo, correspondiam ou não às necessidades e condições de seu novo *habitat* (para mantermos a linguagem ecológica). As questões originárias do estudo da cidade de Chicago e a atuação dos seus sociólogos tinham muito a ensinar aos que estavam interessados em estudar e atuar sobre a vida paulista. São Paulo vivia a situação de grande metrópole, caracterizada por um processo acelerado de industrialização e urbanização, estando às voltas com problemas decorrentes da imigração e da mobilidade social. Podemos sugerir a proximidade entre a Sociologia de Chicago e a paulista seguindo a epígrafe do artigo de Richard Morse (1978) que cita o depoimento do prefeito de São Paulo em 1914: “São Paulo está se aparelhando para ser um grande centro industrial, alguma coisa como Chicago e Manchester juntas”.

Sem desenvolver aqui esta afirmação queremos lembrar as motivações dos paulistas que contribuíram para a fundação de uma Escola de Sociologia que se autodenominava *livre* e visava “formar uma elite numerosa e disciplinada, sobretudo de administradores e funcionários técnicos, capazes de contribuir para o aperfeiçoamento do governo de nossa terra” (Milliet, 1942:54).

Da lista dos primeiros doadores, responsáveis pela criação dos fundos da Escola, constam os nomes de Roberto Simonsen, Samuel Ribeiro, Conde Modesto Leal, Conde Sílvio de Álvares Penteadó, Arman-

Depois

- Esforço por criar e organizar fontes
- Material sociológico reunido
- Análises positivas e derivadas da pesquisa de campo
- Treinamento específico e limitado em área particular
- Sociólogo profissional

do de Álvares Penteadó, Cia. Paulista de Estradas de Ferro, Cia. Docas de Santos, *O Estado de São Paulo, Diários Associados, Folha da Manhã*, Paulina de Souza Queiroz, Banco Comercial do Estado de São Paulo. (*idem*).

Sergio Milliet nos indica ainda a conexão entre o passado paulista, principalmente a Revolução Constitucionalista de 1932, e a fundação da Escola:

“A data da criação da Escola liga-se intimamente a uma pressão da inutilidade das guerras civis que levou os paulistas a procurarem noutro campo a solução de seus problemas: o campo da educação e do ensino. Não são os governos os causadores das crises econômicas e sociais, mas o próprio povo. (...) uma população indiferente, mal educada civicamente e com falta de recursos técnicos nas mais elementares especialidades necessárias à vida moderna (...). Todo o problema da época moderna é um problema educacional. De São Paulo não sairão mais guerras civis anárquicas; sairá, isso sim, uma revolução intelectual e científica, suscetível de mudar as concepções econômicas e sociais dos brasileiros; de fazer do nosso país uma grande potência em ação.”

A conexão da Escola com outro momento (1937) é expressa por Roberto Simonsen ao dizer que seu objetivo era criar verdadeiras elites administrativas em consonância com o novo tempo, já que o “fortalecimento do Estado está a demandar o aperfeiçoamento cada vez maior da capacidade dos seus servidores”. Seguindo esta linha de explicações, ele observa: “Registrando a tendência inelutável da época, para uma crescente interferência do Estado nas atividades privadas, os negócios públicos

tornam-se cada vez mais complexos, e exigem dos administradores conhecimentos cada vez mais extensos." E nisto, ou seja, na tarefa de formar servidores do Estado, preparar especialistas, a Escola se diferenciava da USP, cuja finalidade era "preparar professores para as escolas secundárias e elementos especializados nas ciências básicas com alta cultura geral" (Simonsen, 1942:13).

Desde sua fundação, a Escola contou com os professores norte-americanos Horace B. Davis e Samuel H. Lowrie. Davis realizou a primeira pesquisa sobre o padrão de vida dos operários de São Paulo, publicada na *Revista do Arquivo Municipal* e no *Boletim do Ministério do Trabalho*. Se desde seu início a Escola realizou pesquisas, utilizou técnicas de amostragem para obter informações sobre padrão de vida de populações de baixa renda, nos anos 40 seu perfil foi definido pela presença de três figuras: Donald Pierson, Herbert Baldus e Emilio Willems. Estes professores exerceram uma liderança no comando da Escola e garantiram um alto padrão de aprendizado profissional e acadêmico. Foi este comprometimento com a qualidade acadêmica, segundo Limongi, o que possibilitou a aproximação entre a Escola e a Universidade de São Paulo. Pierson contribuiu para a maior academização do projeto original ao organizar a seção de pós-graduação da Escola em 1941. A inovação institucional representada pela pós-graduação encontrou apoio da "comunidade científica em formação que buscava no aprimoramento próprio de sua especialização os recursos para sua auto-afirmação" (Limongi, 1986:19).

Os primeiros cursos da pós-graduação — *Pesquisas Sociais na Comunidade Paulista* (Donald Pierson); *Assimilação e Aculturação no Brasil Meridional* (Emilio Willems, professor da ELSP e da USP); e *Etnologia Brasileira* (Herbert Baldus) — apontam as linhas temáticas desenvolvidas e revelam o sucesso da ELSP como instituição acadêmica, o que contribuiu para a convivência entre os dois centros de formação de sociólogos no Estado de São Paulo.³

Por outro lado, podemos nos indagar se a academicização do projeto da Escola, formando "cientistas", não implicou o aban-

dono dos objetivos originais, ou seja, a preparação de especialistas, de técnicos competentes para a administração do Estado.

Através da Escola, pela mão de seus mestres (entre os quais destaquei a figura de Donald Pierson), foi incorporado um novo padrão de se fazer Sociologia e um novo universo temático advindo de uma matriz considerada, à época, como a mais moderna e científica. Como este temário (*estudo de comunidades, assimilação e aculturação, mobilidade social*) foi absorvido e retraduzido pelos profissionais formados na ELSP? Seus ex-alunos se tornaram "cientistas sociais" e foram absorvidos pela USP ou foram trabalhar na administração pública municipal, estadual ou federal? Eis algumas das questões pendentes. Consideramos que o novo modelo de fazer Ciências Sociais deixou marcas na história da Sociologia brasileira para além do sucesso ou fracasso da ELSP em se manter como instituição formadora de um novo tipo de profissional.

A nova tradição sociológica foi implantada e neste esforço para modernizar o conhecimento da sociedade muito se ganhou, muito se perdeu. A geração formada pela Escola criou uma nova mentalidade, desenvolveu linhas de pesquisa que marcaram projetos e instituições posteriores.⁴ Por outro lado, estudiosos da vida brasileira, como Oliveira Viana e outros, demoraram a ser novamente lidos e analisados na Universidade, já que sua produção era pré-científica, atrasada. Somente sociólogos que não foram "moldados" por esta forma ou que tiveram um universo mais amplo de conhecimento escaparam a um certo reducionismo decorrente do treinamento que procurou formar o pesquisador.

O novo modelo sociológico foi absorvido supondo que suas teorias eram científicas, o que significava estarem libérrimas do tempo e do espaço em que foram elaboradas. Passamos também a partilhar de um preconceito em relação à história que não fazia parte da tradição brasileira de estudos sociais. Absorvemos pontos positivos e negativos desta nova perspectiva da Sociologia que de seu centro hegemônico (Chicago) se irradiou para o Brasil e para a Europa.

(Recebido para publicação em junho de 1987)

ANEXO 1

Sumário de *Estudos de Ecologia Humana*

O Campo da Ecologia Humana

Capítulos

I — Ecologia Humana — Robert E. Park	21
II — Matéria-objeto da Ecologia Humana — Roderick D. McKenzie	38
III — Noções básicas da Ecologia Humana — A. B. Hollingshead	53
IV — Histórico da Ecologia Humana — Louis Wirth	64
V — “Ecologia Humana” e “Ecologia Internacional” — James A. Quinn —	77
II. <i>A comunidade: Objeto central do estudo ecológico</i>	
VI — A comunidade humana abordada ecologicamente — Roderick D. McKenzie	95
VII — Âmbito e problemas da comunidade — Louis Wirth	112
VIII — A comunidade urbana como configuração espacial e ordem moral — Robert E. Park	127
IX — Desenvolvimento da comunidade metropolitana — N. S. B. Gras	143
X — Tendências na organização da comunidade norte-americana — T. Lynn Smith	153
III. <i>Alguns conceitos e processos ecológicos</i>	
XI — População do mundo — William F. Ogburn e Meyer F. Nimkoff ..	171
XII — Expansão industrial e interrelações de povos — Roderick D. McKenzie	189
XIII — Agregação — A. B. Hollingshead	202
XIV — Migração e mobilidade — A. B. Hollingshead	219
XV — Organização ecológica — A. B. Hollingshead	237
XVI — Centralização e descentralização urbanas — Homer Hoyt	263
XVII — Conceito de “dominância” — A. B. Hollingshead	277
XVIII — “Dominância” e organização mundial — Roderick D. McKenzie	298
XIX — Sucessão — Robert E. Park	316
XX — O aspecto ecológico das instituições — Everett C. Hughes	327
XXI — “Áreas naturais” — Harvey W. Zorbaugh	329
IV. <i>Algumas pesquisas ecológicas</i>	
XXII — O crescimento da cidade: Introdução a um projeto de pesquisa — Ernest W. Burgess	353
XXIII — A hipótese de zonas de Burgess e seus críticos — James A. Quinn ..	369
XXIV — Delinqüência juvenil e desorganização social — Clifford R. Shaw ..	382
XXV — Ecologia da vida familiar — Ernest R. Mowrer	389
XXVI — O estudo ecológico de Faris e Dunham sobre perturbações mentais — Ernest W. Burgess	396
XXVII — Perturbações mentais em áreas urbanas — Robert E. L. Faris e Warren Dunham	406
XXVIII — Estudo ecológico de perturbações — Stuart A. Queen	436
XXIX — “Sucessão” em Chicago — Paul Frederick Cressey	450
XXX — O Harlem dos negros: Estudo ecológico — E. Franklin Frazier	462
XXXI — Distribuição pela cidade da prostituição organizada — Walter C. Reckless	480
XXXII — Ecologia de uma cidade latino-americana — Asael T. Hansen	495
XXXIII — Estrutura do “grupo de localidade” do Brasil — T. Lynn Smith	512
XXXIV — Migração seletiva numa comunidade rural de Alabama — Gilbert A. Sanford	529

XXXV — Configurações ecológicas de desorganização de comunidade em Honolulu — Andrew W. Lind	541
XXXVI — Segregação de tipos populacionais em Kansas City — Stuart A. Queen	558
XXXVII — O suicídio em Minneapolis, Estado de Minnesota: 1928-32 — Calvin F. Schmid	563

Apêndice

Método para fazer um <i>survey</i> social da comunidade rural — Charles J. Galpin	582
---	-----

Bibliografia

Bibliografia selecionada	593
--------------------------------	-----

ANEXO 2

Sumário de *Estudos de Organização Social*

I. Introdução

Capítulos

I — Processos biológicos e processos sociológicos — E. H. Sutherland	11
II — Significado do “ambiente” na vida social — Louis Wirth	19
III — Hereditariedade e ambiente à luz do estudo de gêmeos — Frank N. Freeman	31
IV — A sociedade e o indivíduo — Charles H. Cooley	43
V — Comunicação — Robert E. Park	55
VI — Linguagem — Edward Sapir	77
VII — Simbiose e socialização: “quadro de referência” para o estudo da sociedade — Robert E. Park	109

II. “Organização Social” e “Estrutura Social”

VIII — Organização social — Robert H. Lowie	139
IX — Estrutura social — A. R. Radcliffe-Brown	156
X — “Organização social” e “Estrutura social” — G. Gordon Brown e James H. Barnett	174

III. Alguns conceitos empregados no estudo da *Organização Social*

XI — Contatos “categóricos” em contraste com contatos de “simpatia” — N. S. Shaler	185
XII — “Grupos primários” — Charles H. Cooley	190
XIII — “Grupos primários”: essência e acidente — Ellsworth Faris	197
XIV — “Ação conjugada” — Robert E. Park	210
XV — “Função” em ciência social — A. R. Radcliffe Brown	220
XVI — O “Superorgânico” — A. L. Kroeber	231
XVII — Cultura “autêntica” e “espúria” — Edward Sapir	282
XVIII — “Configurações de cultura” — Ruth Benedict	312
XIX — “Temas”: Forças dinâmicas em cultura — Morris Edward Opler ..	348
XX — “Folkways”, “mores” e “instituições” — William Graham Sumner ..	365
XXI — A natureza e significação dos “mores” — Ellsworth Faris	372
XXII — “Sanções sociais” — A. R. Radcliffe-Brown	383
XXIII — “Controle social” — A. B. Hollingshead	391
XXIV — “Totemismo” — Alexander Goldenweiser	404
XXV — “Casta” — A. L. Kroeber	413

XXVI —	“Casta” e “classe” — W. Lloyd Warner	419
XXVII —	“Atitudes sociais” — Ellsworth Faris	424
XXVIII —	“Distância social” — Robert E. Park	439
XXIX —	“Cultura”, “sociedade”, “impulso” e “socialização” — John Dollard	445

IV. O estudo da Organização Social

XXX —	A sociedade moderna — Robert E. Park	463
XXXI —	O estudo comparativo das culturas — W. I. Thomas	486
XXXII —	A ciência do costume — Ruth Benedict	497
XXXIII —	A família — Elliot D. Chapple e Carleton S. Coon	514
XXXIV —	A família como “unidade de personalidade em interação” — Ernest W. Burgess	543
XXXV —	Uma “história natural” da família — Ernest W. Burgess	558
XXXVI —	A “sociedade de folk” e a cultura — Robert Redfield	566
XXXVII —	Direito primitivo — A. R. Radcliffe-Brown	578
XXXVIII —	A cidade e a civilização — Robert E. Park	587
XXXIX —	A sociedade urbana — Louis Wirth	603
XL —	Urbanismo como modo de vida — Louis Wirth	618
XLI —	Distância social na cidade — E. S. Bogardus	645
XLII —	Um aspecto negligenciado da organização social — Ralph Linton ..	653

ANEXO 3

Autores que contribuíram para os *Chicago Community Studies*, fazendo desta cidade uma das mais estudadas do mundo (Pierson, 1944:284): Robert E. Park, Ernest W. Burgess e Roderick D. McKenzie, *The City* (Chicago, 1925); Ernest W. Burgess *et. alii*, *The Urban Community* (Chicago, 1926); W. I. Thomas e Florian Znaniecki, *The Polish Peasant in Europe and America* (New York, 1927); W. I. Thomas, *The Unadjusted Girl* (Boston, 1924); Ernest W. Burgess e Leonard Cottrell, Jr., *Predicting Success or Failure in Marriage* (New York, 1939); Edwin H. Sutherland, *The Professional Thief* (Chicago, 1936); Louis Wirth, *The Ghetto* (Chicago, 1931); Herbert Blumer, *Movies and Conduct* (New York, 1933); Charles Merriam, *Chicago; A More Intimate View of Urban Politics* (New York, 1929); Everett Hughes, *The Growth of an Institution: The Chicago Real-Estate Board* (Chicago, 1931); Earl Johnson, *The Central Business District* (tese inédita); Clifford Shaw, *The Jackroller* (Chicago, 1930); *The Natural History of a Delinquent Career* (Chicago, 1931); *Brothers in Crime* (Chicago, 1938); Shaw, et. al., *Delinquency Areas: A Study of the Geographic Distribution of School Truants, Juvenile Delinquents, and Adult Offenders* (Chicago, 1929); Shaw e Henry D. McKay, *Juvenile Delinquency and Urban Areas* (Chicago, 1942); Nels Anderson, *The Hobo* (Chicago, 1923); Frederick M. Thrasher, *The Gang* (Chicago, 1927); Walter C. Reckless, *Vice in Chicago* (Chicago, 1933); Ernest W. Mowrer, *Domestic Discord* (Chicago, 1928); *Family Disorganization* (Chicago, 1927); *The Family: Its Organization and Disorganization* (Chicago, 1932); Harvey W. Zorbaugh, *The Gold Coast and the Slum* (Chicago, 1929); Robert E. L. Faris e H. Warren Dunham, *Mental Disorders in Urban Areas* (Chicago, 1939); Albert Lepawsky, et. al., *The Government of the Metropolitan Region of Chicago* (Chicago: Universidade de Chicago Press); Ruth Shonle Cavan, *Suicide* (Chicago, 1928); E. Franklin Frazier, *The Negro Family in Chicago* (Chicago, 1939); Paul G. Gressey, *The Taxi-Dance Hall* (Chicago, 1932); Paul F. Cressy, *Population Sucession in Chicago* (tese inédita); E. T. Hiller, *The Strike* (Chicago, 1928); Frances Donovan, *The Schoolma'am* (New York, 1938); H. F. Gosnell, *Negro Politicians* (Chicago, 1935); *Machine Politics — Chicago Model* (Chicago: Universidade de Chicago Press); Bingham Dai, *Opium Addiction in Chicago* (Chicago, 1937); além de outros estudos, inclusive dezenas de artigos publicados em revistas eruditas.

Notas

1. Após a redação da primeira versão deste texto tomei conhecimento da pesquisa de Fernando Limongi sobre a revista *Sociologia* e a Escola Livre de Sociologia e Política. Limongi analisa os artigos que Donald Pierson publicou na revista e que foram reunidos no livro *Teoria e Pesquisa em Sociologia* (1945), apontando questões similares às aqui mencionadas.
2. Chicago sofreu um grande incêndio em 1870, e sua reconstrução possibilitou a edificação de prédios considerados marcos iniciais da arquitetura moderna.
3. Sobre a perspectiva da Escola e de Pierson, ver também o texto recém-publicado de Mariza Corrêa (1987).
4. O Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais — CBPE, criado nos anos 50 pode ser tomado como um dos herdeiros da linha de pesquisa da Escola. Sobre o Centro, ver o artigo de Maria Clara Mariani, 1982. A Escola de Sociologia e Política da PUC do Rio de Janeiro, nos anos 60, mantinha em seu ensino uma linha de continuidade com a perspectiva sociológica divulgada por Pierson.

Bibliografia

- Azevedo, Fernando de
1963. "A Sociologia no Brasil". Introdução ao *Dicionário de Sociologia*. Porto Alegre, Globo.
- Cândido, Antônio
s/d. "A Sociologia no Brasil". *Enciclopédia Delta-Larousse*, 2.^a ed., v. IV, pp. 2.107-2.123.
- Corrêa, Mariza
1987. *História da Antropologia no Brasil: 1930-1960. Testemunhos*. São Paulo, Vértice/Unicamp.
- Coser, Lewis
1972. "Robert Ezra Park". *Masters of Sociological Thought*, Harcourt Brace Javanovich, pp. 357-84.
- Elias, Norbert.
1981. *Qu'est-ce que la Sociologie?* Paris, Pandora.
- Fernandes, Florestan
1956. "A Antropologia e a Sociologia no Brasil". In Fernando de Azevedo, *As Ciências no Brasil*. São Paulo, Melhoramentos.
- Friedrichs, Robert
1977. *Sociología de la Sociología*. Buenos Aires, Amorrortu.
- Freund, Julian
1978. "A Sociologia Alemã à Época de Max Weber". In Tom Bottomore e Robert Nisbet, *História da Análise Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Hofstadter, Richard
1963. *Social Darwinism in American Thought*. Boston, First Beacon Paperback, (1. ed., 1944).

- Limongi, Fernando
 1986. "A ELSP e o Desenvolvimento da Sociologia em São Paulo". São Paulo, Idesp. (dat.)
- Mariani, Maria Clara
 1982. "Educação e Ciências Sociais: o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais". In Simon Schwartzan (org.), *Universidade e Instituições Científicas no Rio de Janeiro*. Brasília, CNPq.
- Milliet, Sérgio
 1942. "Preparação Sociológica". *O Observador Econômico e Financeiro*, n. 78, março.
- Morse, Richard
 1978. "A Economia de Manchester e a Sociologia Paulista". *Dados*, n. 18.
- Pierson, Donald
 1944. "Robert E. Park: Sociólogo-Pesquisador". *Sociologia*, v. VI, n. 4, outubro.
 — 1945. "Introdução". *Estudos de Ecologia Humana*. São Paulo, Martins.
 — 1945. "Sociologia". In Rubens Borba de Moraes e William Berrien, *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro, Souza.
- Ramos, Guerreiro
 1981. Entrevista concedida a Alzira Alves de Abreu e Lúcia Lippí Oliveira. Cpdoc.
- Shils, Edward
 1970. "Tradition, Ecology and Institution in the History of Sociology". *Daedalus*, Fall.
- Simonsen, Roberto
 1943. "Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo". *Ensaio Sociais, Políticos e Econômicos*. São Paulo, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.
- Szacki, Jerzy
 1982. "The History of Sociology and Substantive Sociological Theories". In Tom Bottomore, Stefan Nowak e Magdalena Sokolowska, *Sociology the States of the Art*. London/California, SAGE.